

Meu Deus como ousou eu escrever-te esta carta quando de Ti tanto duvidei e ainda por vezes duvido embora não entenda o Universo sem Ti. É certo que de Ti, ou dos teus mensageiros (Abraão, Moisés, Boudha, Jesus, Maomé), retive o que norteou e norteia a minha vida: “Não matarás”, “Que aquele de entre vós que não cometeu pecado lhe lance a primeira pedra” e “... perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tenha ofendido...” e, sobretudo, que o Amor é a essência da vida!

E é por isso, Jahvé, que ousou escrever-Te. Faço-o porque, confesso, estou perplexo, revoltado e perdido. Se Tu és único, e por isso necessariamente o Pai de todas as criaturas, independentemente da crença que professam ou não, como entender que todos os apologistas do ódio, da guerra e da exclusão, independentemente da crença que professam ou não, usem sem vergonha invocar permanentemente o Teu nome para justificarem os seus crimes, a sua ganância e o sofrimento que infligem aos seus irmãos? Dir-me-ás que sempre assim foi...mas será que teremos

de continuar sempre nesta senda absurda, intolerante e mortífera? O “olho por olho, dente por dente” está-nos a deixar a todos cegos e desdentados...Recuso-me a aceitar-Te como qualquer “deus” menor, vingador, castigador e sectário...

Allah o que poderemos nós fazer, nós, simples poeiras efémeras, para que todos na Terra e no Universo entendam que só há um caminho para acabarmos com tanta loucura: o Amor, outro dos teus Nomes. Tu que és Luz, será que conseguirás acabar com todos os fundamentalismos e terrorismos? Será que a Tua centelha sagrada perfurará a muralha empedernida de estupidez e de indiferença assassina presente em tantas mentes tacanhas e cegas que ainda não sabem o que é humildade e sensibilidade? Se as próprias galáxias são poeiras no infinito Universo, que crias em permanência, será que esses inconscientes que são menos que átomos, assim como nós todos, se deixarão iluminar por Ti? Ainda haverá esperança? Quantos milhões de anos luz até que Tu, a Luz, os penetres e retires, e nos retires também!, das trevas?

Tu, O Inacessível, que tantas vezes procuro na dor das guerras, da fome, dos campos de refugiados...serás mesmo inacessível ou sou eu que não te sei encontrar porque emaranhado nas minhas contradições, nos meus medos? Será que só és O Invisível porque não Te queremos ver? Permanentemente mergulhados no horror ou nas névoas das nossas mentiras e ilusões estaremos condenados à cegueira e à desorientação perpétuas?

Tu, porque não te imagino de outro modo, que és Compaixão, Solidariedade e Ponte de Diálogo entre todos os teus filhos, nós todos, como é que te sentes há milénios perante tanta barbaridade? Será verdade que tudo isso é só teatro, ilusão e sonho? Será verdade que todos os terrores e atrocidades a que diariamente assistimos são indispensáveis ao nosso desenvolvimento espiritual colectivo da mesma maneira que só a escuridão dá sentido à luz? Será que um dia farás que acordemos e percebamos que todo esse não senso era só encenação? Será que a morte é o acordar, o renascer...? Andamos todos equivocados e daí a minha desorientação?

Tu, o Grande Arquitecto do Universo, como consegues manter o equilíbrio, a serenidade? Porque és o único verdadeiro sábio, conhecedor e fazedor do princípio e do fim, o alfa e o ómega da nossa caminhada aparentemente sem nexos. Sim porque só Tu, o Inalcançável, sabes donde viemos e para onde vamos. A nós restam-nos as suposições, as frustrações, os desejos, as crenças...

Só Tu, que és a única e verdadeira Força, o coreógrafo da valsa das galáxias, entendes o que a harmonia e a beleza encerram e pretendem. Para mim são necessariamente o objectivo último da Humanidade para o qual tanto gostaria de poder contribuir com a minha pincelada. Será? No Outono da minha vida, sem certeza nenhuma de alcançar o Inverno letárgico, ou revigorante, estou, meu Deus, cheio de dúvidas e de medos para o Mundo, para os meus, para mim...Mais do que nunca sinto-me uma inexistência...

Olho para a montanha que me reservaste para subir e receio já não ter forças para escalar o que me resta ainda vencer e ter assim uma possibilidade de chegar ao arbusto ardente, a Ti.

Se não conseguir garanto-Te que tentei e continuarei a tentar até ao último dos meus suspiros pois, como sempre me ensinaste, e acredito, “o que tem de ser tem muita força”. Tu tens que ser. Se assim não for já nada tem sentido para mim e terei vivido uma falácia. Não pode ser!

Desde aquele dia, na Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, em que não me senti merecedor de um sinal que me enviaste (assim hoje creio) e por isso, descrente, Te pedi confirmação (o que evidentemente não me concedeste), que me julgo indigno de Ti. Não estava preparado. Mais uma vez, pecador, nesse dia duvidei de Ti, da tua força, duvidei de mim e do meu merecimento.

Só espero que no fim dessa minha permanente andança pelo mundo, onde tento apenas ser um bombeiro que distribui umas gotas de água (a pressão na mangueira é quase nula), esteja um dia pronto para Te reconhecer se tiver a felicidade de Te encontrar.

Possa o arco em que me transformaste ter força suficiente para que as acções e as preces que tem lançado se tenham aproxi-

mado de Ti. Se assim não foi é porque errei. A minha única defesa será dizer: pelo menos tentei! Será?

Até esse momento derradeiro em que espero fundir-me em Ti, e impregnar-me de uma ínfima parcela da tua sabedoria, faz-me entender este mundo que tanto me machuca e me tritura. Para tal eis-me aqui pronto para beber a taça de fel que eventualmente me tenhas destinado. “Caminho plano não leva ao céu...” diz a sabedoria popular.

Dá-me então forças para continuar a subir a montanha e um dia ter a suprema felicidade de beber uma taça de mel e leite contigo.

Tenho pois que continuar a subir a montanha...

FERNANDO NOBRE

[cirurgião e fundador da AMI]

Caro Deus,

Estas notas ficam no sítio do costume, para quando por cá passares. Cuida de não as atirar para o chão quando acabares de as ler, como tem sido Teu hábito de há uns tempos para cá. Não só me incomoda ter de me curvar para apanhar o que eu próprio escrevo, como dá péssima imagem de Ti. Têm-me dito que andas de mau humor ultimamente, mas recordo-Te que já lá vão quase quarenta anos desde que Te criei (estava eu nos meus vinte e tal, lembras-te?) o que Te dá idade para alguma madureza e compostura.

Anda por aí um homenzinho chamado Jorge Arbusto, a escavar a casa dos nossos vizinhos árabes do rés-do-chão. Tem uma fala desajeitada, modos grotescos e apresenta-se como teu íntimo e confidente. Não lhe dei importância até perceber que me escuta os telefonemas, espiolha o que faço na Internet, sabe

como uso o cartão de crédito e, anteontem, dei com o olho dele metido num satélite a perseguir-me no nosso quintal. Das duas uma: se é de facto amigo Teu, conta com a minha mais séria decepção porque não criei um Deus que tem amigos burlescos; mas se não o conheces, então assume-Te como Deus e oferece-lhe um emprego de motorista de táxi em Bagdade, com família para sustentar. Ele haveria de aprender e perceber muita coisa. Deixa-me uma nota escrita sobre o que achas disto tudo.

Por falar em vizinhos do rés-do-chão, os rapazes dizem-me que lhes prometeste loucas orgias servidas por encantadoras virgens, se se suicidarem com explosivos, em plena rua, ou dentro de aviões esmagando-se contra edifícios. Quero que saibas que não tolerarei por muito mais tempo ver o Teu nome envolvido em tais dislates, mas temo que me não dêem ouvidos se Tu próprio não apareceres por lá e te impuseres como tem que ser. Diz-me quando te calha fazer isso, porque quero estar presente.

Alguns dos nossos amigos sacerdotes e freiras da Igreja Católica andam insatisfeitos contigo desde aqueles concílios de Niceia e de Latráo, na Idade Média, que lhes proibiram a alegria da procriação. Claro que eles sabem que foram homens e não Tu quem lhes impôs tal suplício e bem se recordam de que o celibato não existiu nos primeiros séculos da Igreja. Mas que diabo! (desculpa a expressão) depois deste tempo todo não poderias...?

Isto para não falar em coisas mais comezinhas, para as quais Te debes estar nas divinas tintas mas que bem podiam merecer-Te alguma atenção. Por exemplo, o tempo. Quando resolves acabar com o tempo, que nos escraviza, enfraquece e mata? Tu existes solto, liberto dele e portanto indiferente, mas a verdade é que o tempo subjuga-nos a todos os mortais, incluindo quem Te criou. Ora tu bem sabes que desaparecerás no dia em que eu morrer. Como todos os outros deuses, os que foram extintos e os que hão-de ser inventados, só existes enquanto houver quem creia em Ti

e Te fale. Eu, por exemplo. Para que serve o tempo, então? Que sentido tem ele? Pensa nisto e, se acontecer o que julgo, quero ter século e meio de idade, com menos vinte anos do que tenho hoje. Assim, sim.

Tudo o que aqui deixo dito são tarefas, não pedidos. A um deus nada se pede, antes exige. De tal forma O criamos isento e perfeito que d'Ele está de antemão providenciada toda a dádiva ou benesse que houvesse de nos calhar. O mais que falte é forçoso exigi-lo, em bom-tom mas sem rodeios. Como o faço aqui.

Tens roupa lavada junto ao armário da sala de jantar, ao fundo da casa. Vai buscá-la. É tempo de largares a que trazes vestida durante o tempo todo, e que já está demasiadamente gasta. As pessoas fartaram-se, já não querem mais ver-te assim. E, por Deus, vê se apareces! Daqui a nada, ninguém dá um chavo pela Tua existência. Não Te fies eternamente na fé, que nada é eterno na humanidade. Mesmo eu, que Te criei, começo a ficar um bocado farto deste meu deus fantasma, que só existe quando Lhe escrevo cartas.

... E não atires este papel para o chão, como fizeste aos outros!

CARLOS PINTO COELHO

[jornalista]